



# O ESSENCIAL PARA FOTOGRAFAR exteriores e interiores

POR MÁRIO FITTIPALDI

Fotógrafos André Nazareth e Edson Ferreira dão dicas para quem quer atuar nesse nicho com criatividade e sem errar na técnica. Veja

**A** produção de imagens da fachada de um imponente arranha-céu ou o aconchego de uma sala de estar são apenas alguns dos aspectos da fotografia de arquitetura. Para atuar nesse mercado, o fotógrafo deve ter em mente que, além da beleza e criatividade da foto, o que precisa aparecer são justamente as características arquitetônicas de cada projeto, ou seja, harmonia entre as linhas, funcionalidade,

conforto e beleza dos ambientes, iluminação, texturas dos materiais usados, entre muitos outros detalhes. E isso exige, além do domínio da técnica fotográfica e muito planejamento, conhecimentos na área.

“Sem dúvida, o olhar de arquiteto ajuda a encontrar as melhores abordagens em um trabalho”, atesta o carioca André Nazareth, de 46 anos. Fotógrafo profissional desde 2000 e com formação em Arquitetura, ele explica que a principal função



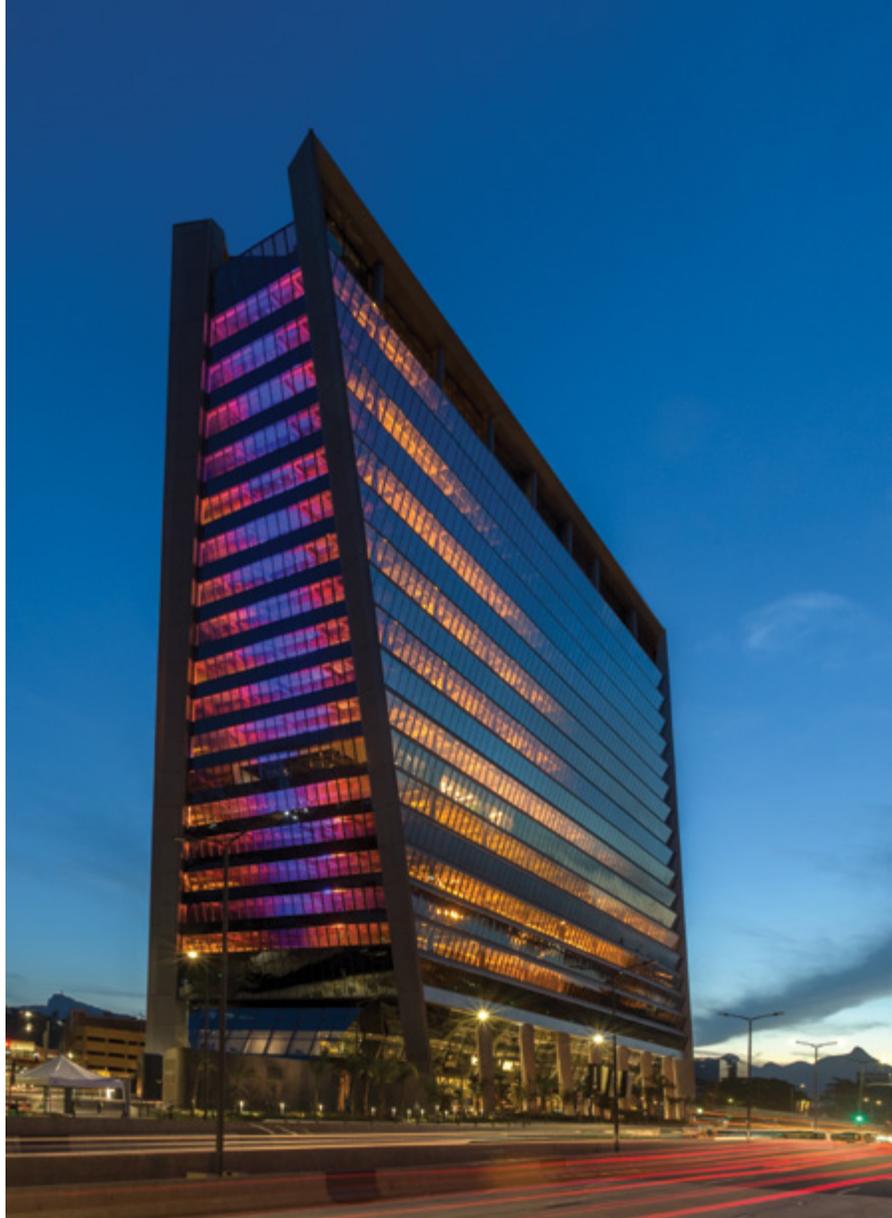
de quem faz esse tipo de fotografia é saber contar a história do projeto que vai fotografar. “É preciso interpretar a intenção de quem projetou o espaço e produzir um conjunto de imagens que sintetizam essa intenção”, explica André.

Embora seja um diferencial, a formação superior em Arquitetura não é condição básica. “Muitos fotógrafos da área, como eu, não são arquitetos”, lembra o fotógrafo carioca radicado em São Paulo Edson Ferreira, de 45 anos. Ele conta que até cogitou cur-

sar uma faculdade, mas acabou mesmo aprendendo com a prática nos seus mais de 15 anos de experiência. “A convivência com profissionais e a diversidade dos trabalhos acaba dando, com o tempo, o respaldo necessário para atuar”, ele assegura.

André e Edson são categóricos ao afirmar que uma das características inerentes à fotografia de arquitetura – e também seu principal diferencial – é a necessidade de respeitar alinhamento e perspectiva, o que torna o trabalho bastante técnico. Assim,

**O alinhamento perfeito das linhas de um projeto, seja de ambientes internos (acima) ou de fachadas (na página oposta), é inerente à fotografia de arquitetura**



André Nazareth/Projeto: Tishman Speyer

### O lusco-fusco é o melhor momento para fotografar fachadas e destacar o projeto de iluminação

tanto para fotos do exterior como do interior, o enquadramento tem de ser muito bem definido, motivo pelo qual o uso de tripé é essencial. “As retas têm de ser retas, as paralelas têm de ser paralelas e a proporção entre os elementos precisa estar correta, coerente com a realidade”, avalia André. “Não existe foto torta em arquitetura. No entanto, isso não quer dizer que a fotografia seja amarrada. Há muito espaço para a criatividade”, assegura o fotógrafo.

Edson acrescenta que é preciso fazer o enquadramento de modo a deixar tudo o mais alinhado possível, para que não sejam necessárias correções dramáticas na pós-produção – o que poderia inviabilizar o trabalho. “Para fotos de interiores, é importante que a câmera esteja paralela ao chão e posicionada pouco acima do ponto horizontal mais alto do ambiente, como uma mesa, o espaldar de uma cadeira ou um aparador”, ensina.

### ANTES DO CLIQUE

O mantra da necessidade de planejamento é fundamental para uma boa produção, e em fotografia de arquitetura não é diferente. Quando inicia um trabalho, André não dispensa um *briefing* com o responsável pelo projeto antes mesmo de pegar na câmera: “É nessa conversa que entendo as funcionalidades de cada ambiente, suas características e a posição do sol em relação à construção”, explica. Edson também opta por esse tipo de abordagem: “Sempre que possível, converso com o arquiteto antes para conhecer os pontos-chave do projeto e peço para ver a planta. Assim, posso planejar melhor a sessão de fotos. Além disso, tenho ideia do tamanho, da quantidade de fotos necessária e do tempo de tratamento das imagens”, avalia.

Uma vez na locação, André considera fundamental pensar no que pode ser extraído do ambiente, seja ele



Edson Ferreira



Há uma tendência de fotografar ângulos mais retos, como na foto acima; abaixo, detalhes destacam as nuances do projeto

residencial ou corporativo, identificando os pontos certos para cada clique. “É pensar naquela história que precisa ser contada”, lembra, acrescentando que, para isso, deve-se também levar em conta a finalidade do trabalho: se o cliente for um arquiteto ou escritório de arquitetura, a ênfase deve ser nos diferenciais do projeto que ele deseja destacar.

Já para um editorial de revista, vale pensar em espaços que se encaixam melhor em enquadramentos horizontais e verticais e também encontrar ambientes ou fachadas que tenham potencial para ilustrar a abertura da matéria. “Só depois é que me considero pronto para começar a fotografar”, completa.

## EM AÇÃO

Um trabalho típico de fotografia de arquitetura envolve fotos externas e também internas, dos ambientes e da decoração. Ao fotografar uma casa, por exemplo, há um roteiro básico a ser seguido, de acor-

do com André: “Tem de ter a fachada mais aberta, inserida no paisagismo ou no urbanismo, depois mais fechada, a entrada... dentro da casa, normalmente priorizo os ambientes comuns, como o *living*, uma sala de jantar, para depois incluir os ambientes mais privados, como o quarto principal, o banheiro e a cozinha”, relata. “O mais importante é mostrar a linguagem arquitetônica. O arquiteto projetou todos aqueles espaços com alguma finalidade, que deve transparecer no resultado final do trabalho”, diz.

Para fotografar os ambientes principais, Edson recomenda cobrir todos os ângulos possíveis. “Primeiro cliço de cada um dos cantos, fazendo um xis, para depois fotografar do meio para cada um dos lados”, conta. “Hoje há uma tendência de se fotografar com ângulos mais retos”, analisa. Depois, o fotógrafo identifica detalhes que possam destacar as nuances de cada projeto. “Pode ser um livro sobre uma mesa, uma fração de sofá em contraste com a cor da pa-





**Incluir pessoas na composição dá a escala do tamanho do ambiente**

rede do fundo, um quadro... São esses detalhes que identificam a intenção do arquiteto”, comenta.

André ressalta que um elemento importante na fotografia de interiores é mostrar como os ambientes se conectam. “Eu trabalho muito as transições, ainda mais na arquitetura de hoje, que é menos fragmentada, os espaços conversam mais entre si”, explica. “É preciso prestar bastante atenção neles, pois nem sempre o melhor ângulo para fotografar a passagem de um lugar para outro é o sentido natural da passagem”, ressalva. “Corre-se o risco de ficar com uma foto que não mostra nem um ponto nem outro”, alerta.

O fotógrafo gosta de incluir pessoas interagindo com os ambientes, algo que, segundo ele, vem se tornando tendência especialmente nos editoriais. “Isso deixa o projeto mais humanizado, a foto fica mais quente”, destaca. “Mas tem outro aspecto que, no caso da arquitetura, é muito importante, que é ter sempre algo que dê escala, sejam pessoas, mobiliários ou objetos. Ajuda a compreender a dimensão do projeto”, avalia.

Tanto André quanto Edson fotografam com luz natural. Assim, saber o caminho do sol em relação à construção é fundamental, pois determina a ordem em que os ambientes serão clicados. Para facha-

das, André diz que os melhores horários são logo pela manhã ou no final da tarde, quando a luz é menos dura. “Gosto do lusco-fusco”, revela. “Dentro da casa, você vai seguindo o curso do sol, fotografando os ambientes que estão mais iluminados primeiro”, ensina o fotógrafo. “Os momentos de luz ideal duram muito pouco, é preciso ser rápido”, recomenda.

Edson acrescenta que, dependendo do objetivo do trabalho, é preciso destacar o projeto lumino-técnico, fotografando com a luz ambiente e as luminárias acesas. “Vale o mesmo para as fotos externas, como fachadas, piscinas e jardins, nesse caso, fotografadas ao anoite-



André Nazareth/Projeto: Erck Figueira de Mello



Arquivo Pessoal

**André Nazareth (acima) gosta de mostrar a conexão entre ambientes em arquiteturas menos fragmentadas**

tecer, quando as fontes de luz ganham destaque”, pontua.

## EQUIPAMENTO

André, que começou a trabalhar com fotos de arquitetura usando câmeras de médio formato, hoje trabalha com equipamentos mais simples. “Com a evolução das DSLRs e o trabalho de pós-produção, não é necessário usar uma parafernália de equipamentos, e é possível chegar bem perto do resultado de antes”, compara. A maioria dos trabalhos é feita com uma Canon EOS 5D Mark III e duas lentes, uma 24-105 mm e outra 16-35 mm, além do indispensável tripé. “Também tenho uma Canon 17 mm TSE, uma *tilt-shift* que corrige perspectiva, que só uso nos casos mais radicais”, informa.

O equipamento de Edson também vai na linha da simplicidade, sendo composto por uma Nikon D810, uma grande angular 16-35 mm e uma fixa 50 mm. “Minha distância focal preferida é a 24 mm, perfeita para quase todos os trabalhos”, avalia.

## PÓS-PRODUÇÃO

Um dos diferenciais da fotografia de arquitetura moderna são os recursos de tratamento que o trabalho de pós-produção em softwares como o Lightroom e o Photoshop permite – um dos principais é a correção automática das distorções de lente via *presets*. Mas é possível limpar interferências indesejadas e até fazer edições mais sofisticadas, como correções de perspectiva e tratamento da luz. André, por exemplo, lembra que hoje há uma busca até exagerada pela fotografia perfeita: “Não pode ter aparelho de ar-condicionado aparecendo, não pode ter reflexo de carro na fachada... Essa busca obsessiva por uma falsa realidade só se resolve no Photoshop”, conforma-se. Edson, ao contrário, não gosta de interferir muito nas imagens: “Claro que, no caso extremo de uma rachadura na parede, é preciso limpar. Mas que casa não tem um interruptor de luz?”, questiona. “Se é para tirar depois, prefiro nem enquadrar



Edson Ferreira

**Edson Ferreira (ao lado) ensina que a câmera deve estar paralela ao chão e posicionada pouco acima do objeto horizontal mais alto (acima)**

no momento da foto”, desabafa.

Outro ponto destacado pelos dois profissionais é que o tratamento permite obter uma condição de luz ideal em todo o ambiente, seja por meio de *bracketing*, com múltiplas exposições que são combinadas depois no software, ou mesmo recuperando-se as luzes altas e baixas em uma única imagem. “É possível ter boa luz no interior sem que a luz na janela estoure, tornando visível a paisagem do lado de fora. Isso ocorre por causa do grande alcance dinâmico dos sensores das DSLRs de hoje, que produzem imagens ótimas”, avalia André.

Quanto à iluminação, ele acredita que dar tratamento adequado à luz é uma espécie de assinatura do



Arquivo Pessoal

fotógrafo: “O uso de tons mais frios ou mais quentes e a saturação das cores é o que diferencia um trabalho dos demais”, diz. Já Edson prefere não carregar nos tons, imprimindo às imagens finais tons mais neutros. “Gosto de deixar luz do modo que o olho humano a percebe”, indica, ressaltando que, antes de tudo, é preciso respeitar a paleta de cores que o arquiteto determinou.